

6-2004

O Evangelho na Cidade

Luís Pedro Adeganha

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Adeganha, L. P. (2004). O Evangelho na Cidade. *Missão Espiritana*, 5 (5). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol5/iss5/6>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

o evangelho na cidade

É necessário fazer uma rápida viagem através da história do estado de Rondônia e sobre a história da cidade de Vilhena para descobrirmos uma cidade cheia de potencialidades e contradições.

Os católicos são uma minoria. Isto é tanto mais curioso quando se sabe que o Brasil é um dos “países mais católicos” do mundo. Uma das razões é o facto de na cidade conviverem pessoas oriundas de todas as partes do Brasil que trouxeram com elas a sua própria “cultura religiosa”.

Em 1990 os espiritanos chegaram a Vilhena e foram percebendo a importância de se colocarem na trajetória da história e decidirem embarcar na aventura de estar ao lado dos “novos descobridores do norte brasileiro” e de serem, no seu meio, presença de Deus e fonte de esperança. Se dentro da cidade a mobilidade e a proximidade facilita o trabalho, na área rural (roça) as comunidades encontram-se distantes umas das outras por causa do mau estado de conservação das estradas de terra. A Igreja tem que apontar para uma outra lógica de integração e de convivência entre as pessoas.

Vilhena é uma cidade cheia de potencialidades. As pessoas, na sua maioria são pessoas generosas e com um grande sentido de acolhimento.

1. Introdução

Há pouco mais de um ano e meio viajava para o Brasil, para a cidade de Vilhena, no estado de Rondônia. Hoje faço uma pequena leitura da realidade onde vivo, reflectindo um pouco sobre as implicações de evangelizar na cidade, num contexto marcado por uma grande variedade de «culturas nacionais» que se aglomeraram nesta região. Para isso, será

* Luís Pedro Adeganha, missionário espiritano, mestrado em Resolução de conflitos na Universidade de Duquesne, EUA, exerce o seu apostolado na cidade de Vilhena, Rondônia, Brasil.

necessário, no entanto, fazermos juntos uma rápida viagem através da história do estado de Rondônia e sobre a história da cidade de Vilhena. Uma cidade cheia de potencialidades e contradições.

2. Conhecendo um pouco da historia do estado de Rondônia

Para nos localizarmos geograficamente, o estado de Rondônia integra a parte norte do Brasil: faz fronteira com a Bolívia e pertence à grande região amazônica. Está entre os estados mais recentes da história social brasileira. No final do século passado, muitos migrantes nordestinos, sobretudo do estado do Ceará, aqui chegaram para a extracção da borracha. Com a chegada da crise do sector alguns retornaram aos seus estados de origem, outros fixaram-se por aqui. A grande ocupação do estado de Rondônia, e também do estado de Mato Grosso, aconteceu sobretudo a partir do fim da década de sessenta com os grandes projectos governamentais de exploração e ocupação do norte. Esta foi, também, a saída encontrada para superar a crise dos estados do sul, sobretudo do estado do Paraná, que substituíram as culturas com muita mão-de-obra (café, algodão), pela pecuária (criação de gado) e pelas culturas mecanizadas (soja e trigo). Isto significou o desemprego para milhares de famílias. A situação de desemprego rural no sul e a forte ideologia do governo militar, que tinha medo de perder a Amazônia - “integrar para não entregar”, provocaram a migração violenta e desorganizada, ocupação predadora destas terras do norte e das suas riquezas.

O que é que me leva a afirmar que esta migração foi desorganizada e predadora?

Primeiro, quando visitamos cidades como Porto Velho (capital do estado), Ji-Parana, Cacoal e Vilhena, as mais importantes do estado, damos conta da grande desorganização em que se encontram, sem qualquer tipo de planeamento de carácter habitacional e ambiental.

Segundo, se é verdade que o estado de Rondônia integra a chamada região amazônica, também é verdade que quase não é possível ver traços característicos da Amazônia por estes lados. As árvores e os animais que lhe são particulares (autóctones) praticamente desapareceram. É realmente muito difícil ver uma árvore de grande porte na região. Foram praticamente todas “dizimadas” pelas madeireiras. O único elemento da natureza que felizmente ainda temos em abundância são os “nossos” rios. Em muitos deles ainda é possível ter a alegria de fazer uma pescaria abundante mas...a ameaça da poluição, fruto da negligência de algumas indústrias instaladas na região e fruto da falta de tratamento da água usada nos centros urbanos que não param de crescer de uma forma desorganizada, já começou a bater à nossa porta. Temos disso um triste exemplo mesmo no centro da cidade de Vilhena.

3. Conhecendo um pouco da história da cidade de Vilhena

Segundo os dados estatísticos que acabam de ser publicados, a cidade de

“A grande ocupação do estado de Rondônia”

“aconteceu sobretudo a partir do fim da década de sessenta”

“integrar para não entregar”

“O único elemento da natureza que felizmente ainda temos em abundância são os “nossos” rios”

Vilhena tem uma população aproximada de 70 mil habitantes. Isto poderia não ser muito significativo se a cidade já fosse de “idade avançada”. O fato é que Vilhena está a cumprir o seu 26 aniversário de fundação. A cidade cresceu muito nos últimos tempos, não só pelo número de pessoas que ao longo dos anos foram chegando de todas as partes do país, principalmente do sul, mas também por um assustador, quase previsível movimento de fuga das áreas rurais para as áreas urbanas. Quais as consequências? A periferia da cidade inchou demasiado e surgiram portanto novos bairros ao estilo das “favela” das grandes metrópoles. Bairros marcados por uma característica comum que se chama pobreza que é visível tanto na precariedade das habitações como no alto índice de violência, que já se instalou em alguns deles e que tende a “institucionalizar-se” a cada dia que passa. As oportunidades de trabalho na cidade escasseiam porque por um lado a actividade comercial está saturada e, por outro, a agricultura está praticamente toda mecanizada, o que reduz drasticamente a necessidade de mão-de-obra. Tudo isto traz consigo uma onda de violência (nomeadamente assaltos a residências) que, segundo as estatísticas, estão um pouco acima do normal para uma cidade do interior brasileiro.

Se dermos um passeio pela cidade de Vilhena há ainda um outro facto que não escapa mesmo ao olhar mais desatento - Vilhena tem um número recorde de Igrejas Protestantes/Pentecostais/Evangélicas. Os católicos são uma minoria. Isto é tanto mais curioso quanto se sabe que o Brasil é um dos “países mais católicos” do mundo. Porquê uma presença tão grande de outras igrejas nesta região? Poderiam ser apontados vários aspectos que nos ajudassem a entender este fenómeno. Uma das primeiras razões pode ter a ver com o facto de Rondônia ter sido projectada para ser o “paraíso protestante”, ou seja, alguns políticos da época esforçaram-se para que este fosse um estado “modelo” de implantação protestante/evangélico. Uma segunda razão é o facto de na cidade conviverem pessoas oriundas de todas as partes do Brasil e trouxeram com elas a sua própria “cultura religiosa”. Como as pessoas que aqui se encontram, são na sua esmagadora maioria pessoas oriundas de outras partes do país, a religiosidade foi, e continua a ser, o único elemento de identificação/identidade para muitas pessoas. Por último, a escassez crónica de missionários católicos que quisessem vir para esta região do país. Esta escassez de agentes missionários continua ainda hoje a afligir esta Igreja que se debate todos os dias com falta de gente e com as grandes distâncias que é necessário enfrentar para tentar chegar a todas as partes onde se encontram famílias católicas.

*“Os católicos são
uma minoria”*

*“Esta escassez de
agentes mis-
sionários continua
ainda hoje a afligir
esta Igreja”*

4. Conhecendo um pouco da história dos espiritanos no município de Vilhena

Em 1990 os espiritanos chegaram a Vilhena. Já lá vão 14 anos de trabalho e dedicação a esta Igreja, certamente muitas alegrias e não menos frustrações e dificuldades aconteceram ao longo destes anos. Com o andar dos tempos, os espiritanos foram percebendo a importância de se colocarem na

trajectória da história e decidiram embarcar nesta aventura de estar ao lado dos “novos descobridores do norte brasileiro” e de ser, no seu meio, presença de Deus e fonte de esperança. Não sei muito bem como foi o início desta caminhada e desta história espiritana, mas gostaria de partilhar aquilo que tem sido a minha experiência de ano e meio nesta cidade de Vilhena, desafios e dificuldades de evangelizar na cidade.

Faz apenas um ano e meio que cheguei a esta grande paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora mas sou aquele que se encontra aqui já há mais tempo. Por aqui, já podemos ver como tem sido extremamente grande a mobilidade dos confrades espiritanos nos últimos tempos. A falta de confrades e a falta de planeamento interno da província tem levado a que tudo isto aconteça. Com isto as comunidades sentem-se enfraquecidas e qualquer plano de acção pastoral a médio e longo prazo não tem qualquer viabilidade. Neste momento são 20 as comunidades existentes no perímetro urbano e 32 na área rural. Se dentro da cidade a mobilidade e a proximidade facilita o trabalho, na área rural (roça) as comunidades encontram-se distantes umas das outras e, por causa do mau estado de conservação das estradas de terra, é, muitas vezes, difícil chegar até lá. Para ter uma noção das distâncias, a comunidade mais distante a partir da cidade fica a 215 km e estamos apenas a 320 km da sede da diocese a que pertencemos - Ji-Paraná!

Campo de trabalho não falta, falta sim gente para trabalhar. Desde que Pe. Selço chegou a Vilhena tem desenvolvido um trabalho continuado na área rural. No entanto, eu vou-me centrar nas possibilidades e desafios de evangelizar na cidade pois tem sido aqui que tenho ocupado a quase totalidade do meu tempo.

5. Evangelizar na/a cidade

Evangelizar a cidade, sabemos-lo, não é tarefa fácil em nenhuma parte do mundo. Ela exige conhecer muito bem a realidade urbana, saber dialogar com ela tendo sempre muito presente os princípios evangélicos pelos quais a Igreja se faz presente na vida das pessoas. A cidade de Vilhena tem as características próprias de qualquer centro urbano. Isto significa exactamente o quê? Significa que são muitas as pessoas que vivem um isolamento (individualismo) muito grande, extremamente preocupadas com o seu “êxito” económico, sem que isso reflecta um crescimento de responsabilidade comunitária. As pessoas que aqui chegaram vieram à procura de riquezas, de melhoria de condições de vida por isso, a preocupação pelo religioso e pela “coisa comum” (comunidade) foi relegada para segundo plano senão mesmo, votado ao esquecimento. Cresceu então um “individualismo urbano” em que cada pessoa se julga absolutamente dona de suas decisões sem referência a exigências éticas, religiosas e comunitárias. A presença da Igreja torna-se urgente neste ambiente mas esta presença tem necessariamente que ser uma presença amiga, presença de encontro fraterno e acolhimento do diferente para a partir daqui ir avançando para propostas cada vez mais profundas de compromisso com a comunidade cristã e, necessariamente, de compromisso

“Para ter uma noção das distâncias, a comunidade mais distante a partir da cidade fica a 215 km”

“A presença da Igreja torna-se urgente neste ambiente”

com a sociedade envolvente. Este princípio de acolhimento pode ser visto como uma regra geral importante no convívio pessoal por parte dos agentes de pastoral para com aqueles com quem trabalhamos, isto porque, a cidade tende a excluir muito mais do que a acolher. Assim sendo, a Igreja, uma vez mais, tem que apontar para uma outra lógica de integração e de convivência entre as pessoas.

Um exemplo disso é o convívio com muita gente da classe média-alta aqui da cidade. É uma convivência nem sempre pacífica mas, não deixa de ser uma convivência extremamente importante. Porquê? Porque, neste esforço de conhecer e amar a pessoa na sua diferença, apontando sempre para a necessidade de conversão em alguns aspectos da vida, tem levado algumas pessoas a reverem as suas posições, muitas vezes caracterizadas por um fechamento sobre si mesmas que não lhes permitem enxergar a realidade e voltarem-se mais para a comunidade. Não são raros os casos em que as pessoas ao sentirem que a Igreja os acolhe e os valoriza, mas ao mesmo tempo desafia e compromete, eles voltam a aproximar-se das nossas comunidades cristãs e a comprometerem-se socialmente.

Um outro exemplo tem a ver com a presença da Igreja numa cidade que continua a crescer de forma desorganizada, fruto da migração e êxodo rural que faz crescer um generalizado ambiente de pobreza, consequência do desemprego e do alto custo de vida. Este crescimento desorganizado está a provocar a violência, a prostituição, as drogas, os adolescentes de rua, a gravidez precoce e a ausência dos jovens nas escolas e universidades. Aqui, uma vez mais, a presença de uma Igreja acolhedora e amiga, reflexo de um Deus que ama a todos sem excepção, é extremamente importante. A presença nas escolas, principalmente nas escolas da periferia, a presença nas associações de saúde, educação, de bairro é mais do que urgente em ambientes urbanos como os de Vilhena. Claro que a Igreja em Vilhena tenta estar presente em todas estas situações pois estamos conscientes de que a missão da Igreja tem necessariamente que passar por aqui. No entanto, tudo é muito limitado por falta de pessoas que possam ser essa presença da Igreja nestes locais. Os padres e irmãs que aqui trabalhamos, somos poucos para tão grandiosa tarefa. Esta presença é, no entanto, tanto mais urgente quando a Igreja já não é, muitas vezes, vista como referência do anúncio do Evangelho de Jesus Cristo com toda a sua força libertadora e transformadora.

Como mencionava anteriormente, os agentes da pastoral que trabalhamos em Vilhena somos poucos para tão grande e exigente realidade. Deste modo ficamos muitas vezes presos a uma realidade muito restrita, um círculo de gente e de actividades que não atingem a população no seu todo. Poderia dar apenas dois exemplos do que estou a falar. Num esforço de procurar chegar a mais pessoas, montámos um estúdio de gravação de programas para serem depois comercializados nas rádios locais da cidade. No entanto, por falta de pessoas que possam dar continuidade a este projecto, o investimento feito está subaproveitado. Outro exemplo está directamente relacionado com a pastoral da juventude. Vilhena é uma cidade essencialmente jovem e de jovens à procura de algo diferente daquilo que a cidade

*“a Igreja”
tem que apontar
para uma outra
lógica de inte-
gração e de con-
vivência entre as
pessoas”*

*“Vilhena é uma
cidade essencial-
mente jovem e de
jovens à procura
de algo diferente
daquilo que a
cidade e a so-
ciedade em geral
oferece”*

e a sociedade em geral oferece. Mas uma vez mais, por falta de uma pessoa que acompanhe todo este potencial juvenil de forma mais próxima, os nossos jovens caminham praticamente sozinhos e de uma forma bastante deficitária. O mesmo se pode dizer em relação à pastoral vocacional. São alguns os jovens que manifestam o desejo de conhecer melhor a vida religiosa, mas muitas vezes ficam apenas por aí, por falta de quem os acompanhe. Uns acabam esquecendo esse desejo que uma vez sentiram, outros procuram outras congregações religiosas que têm uma presença muito mais numerosa nesta região.

De uma forma geral, para se fazer o caminho de uma pastoral urbana eficiente e eficaz, é necessário cultivar um estilo linguístico que possa ser entendido neste contexto urbano. Quanto importante, por isso, é investirmos na linguagem em função de uma capacitação comunicacional de qualidade, a fim de que possamos promover um diálogo com a cultura moderna e uma cultura que tenda a ser cada vez mais uma cultura urbana. Isto é tão preocupante como o são os agentes missionários e os líderes leigos das comunidades, na sua grande maioria, continuam a vir das áreas rurais. A linguagem utilizada por muitos desses líderes das comunidades diz muito pouco, por exemplo, aos jovens que nasceram e sempre viveram aqui na cidade.

Em resumo, Vilhena é uma cidade cheia de potencialidades. As pessoas, na sua maioria são pessoas generosas e com um grande sentido de acolhimento. São pessoas sedentas de algo que elas não encontram no dia a dia das suas vidas - da mensagem evangélica. Gente que se sente muito longe das suas raízes familiares, porque longe dos locais onde nasceram mas, gente que está a perder muito o sentido religioso na vida por falta de missionários consagrados e leigos que queiram dedicar as suas vidas ao serviço do Evangelho. Porque a cidade oferece sempre muitas mais alternativas que o campo, são muitos também os que se cansam das actividades escolares, desportivas, culturais de tal forma que é muito difícil encontrarem um espaço para se dedicarem à Igreja e ao serviço da comunidade. A aposta na evangelização nas cidades tem que ser cada vez mais reflectida e rezada para que a Igreja, nomeadamente a Igreja de Rondônia, possa florescer como sinal da presença de Deus nas lutas, alegrias e tristeza de seu povo.

“Vilhena é uma cidade cheia de potencialidades.”

“A aposta na evangelização nas cidades tem que ser cada vez mais reflectida e rezada”